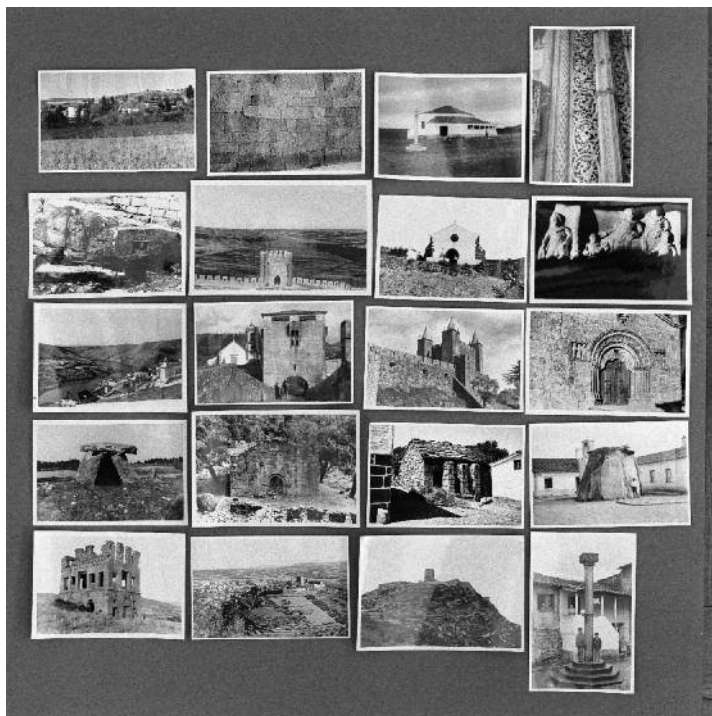


# MODERNIDADE INQUIETA

Arquitetura e identidades em construção:  
desdobramento de um debate em português

RUI JORGE GARCIA RAMOS



*À Professora  
Marieta Dá Mesquita*

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	9
<b>1 Quatro movimentos em torno da história</b>	13
Ansiedades identitárias	15
Conteúdo e expressão: a Casa Portuguesa	21
Paisagem com casas	27
Entre projectos literários e arquitectónicos	31
<b>2 Desdobrando identidades</b>	37
A viagem a Portugal	39
O pitoresco como híbrido moderno e português	53
O Problema da Habitação e a Casa Portuguesa como dissídio moderno (1900)	59
A passagem da casa finissecular ao programa habitacional: outro roteiro da história do século XX	69
A casa pilar da nação: o programa das Casas Económicas (1933)	73
Uma «arquitectura débil» na estrutura do Estado	81
Da «política do espírito» à nova paisagem: o programa das Casas de Renda Económica (1945)	95
Do programa habitacional moderno ao «sítio onde se regressa»	103
<b>3 Do meu estirador e do mundo</b>	113
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	125
<b>LISTA E CRÉDITOS DAS IMAGENS</b>	137
<b>AGRADECIMENTOS</b>	139



1. Piscinas de Marés, Álvaro Siza, Leça da Palmeira, 1961.

# APRESENTAÇÃO

*"(...) O que se passa debaixo da crueza da luz do sul é uma forma de benevolência mascarada de impaciência: aceitamos as imperfeições do real com a mesma voracidade com que devoramos (ou desejamos devorar) as suas perfeições. É nesse implacável balanço entre peso e leveza, entre agrura e doçura, que os povos do sul sempre construíram, no meio do maior caos, a grandeza arcaica do seu destino. (...)”<sup>1</sup>*

Na procura de inícios ou, talvez antes, de circunstâncias, mas também dos passos quotidianamente dados, registo que para além do interesse pela identidade e arquitectura em si existe uma particular atenção à posição do olhar sobre estes tópicos. Nesta caminhada pode recuar-se ao momento em que conheci, ainda como estudante na disciplina de História da Arquitectura Portuguesa (ESBAP-FAUP, 1985), o livro de José Mattoso, *Identificação de um País* (1985). Esta longa aproximação ao tema determinou a construção de uma *collection particulière* que molda, inevitavelmente, um olhar próprio sobre a arquitectura. Como em qualquer colecção, é necessário tempo para a reunir e para deixar que os diferentes materiais se encontrem e, na melhor das hipóteses, possam contribuir, em outras leituras, para o alargamento do conhecimento.

Ao tratar estas questões numa perspectiva constitutiva da modernidade, a releitura da sua história entre 1900 e 1960 pretende colocar a hipótese de um roteiro para uma interpretação alargada do século XX português. Olha-se estes tópicos, com alguma liberdade ensaística, através do tema da habitação, como fenómeno arquitectónico comum a diferentes áreas de conhecimento. Dá-se particular relevo na observação do século à habitação programada de âmbito social, como produção sistemática e extensa, de iniciativa tanto pública como privada, que alavanca a produção arquitectónica do século XX. Este trabalho debruça-se sobre um tempo que pode ter diversas delimitações. Uma das opções reconhece a importância no início do século XX do Bairro O Comércio do Porto (1899, Marques da Silva) como operação singular de filantropia, plena de referências internacionais, que, ao identificar a questão social da carência de casa para as classes laboriosas, assinala a necessidade da procura de uma resposta arquitectónica; e o ano

---

<sup>1</sup> CHAFES, Rui, "Entre o céu e a terra (a história da minha vida)", *Público* (P2), 15 de Abril, 2011, p. 5.

de 1972, quando por despacho governamental foram extintos todos os programas e organismos relacionados com a intervenção na habitação programada, no seguimento da reforma da sua tutela, especialmente do Ministério das Corporações e Previdência Social (MCPS) e do Ministério das Obras Públicas (MOP), iniciando-se outra aproximação a este problema. Mas se estas balizas podem servir a delimitação do debate da questão habitacional, a problematização da arquitectura portuguesa através do tópico da identidade pode flutuar para outros acontecimentos também esclarecedores. Nas múltiplas raízes da formação de outro olhar sobre Portugal – como Almeida Garrett o elaborou –, observa-se, em 1865, a Questão Coimbrã como panfletário confronto entre "velho" e "novo", como um possível vértice dessa construção identitária que na passagem para o século XX confronta os arquitectos e a arquitectura. Esta questão identitária será sucessivamente renovada ao longo do século XX, em contextos diferentes e por vezes antagónicos, mas partilhando sempre uma mesma necessidade de voltar a olhar a "terra". Em arquitectura, este olhar, sempre circunscrito entre "cá de dentro" e "lá de fora", será interrompido com a obra de juventude de Álvaro Siza, ao considerar que pertencer a uma "terra" é pertencer ao mundo que a inclui; ou seja, que o "local" ao qual se pertence é, antes de mais, parte do mundo. Esta deslocação de referente para uma identidade supranacional pressente-se já em 1961 na Piscina de Marés em Leça da Palmeira, uma obra para lá do seu tempo. Mas será só mais tarde que se confirma, em 1970, na série de projectos próximos do Bairro das Caxinas, e sobretudo em 1981, na Casa Avelino Duarte, em Ovar, quando se observa a imperitência do tema da identidade como âncora a um local e "terra", porque uma obra só é de um local se deixar qualquer provincianismo e pertencer, simultaneamente, ao seu mundo formal.

No período tratado, embora o significado de identidade no século XIX seja diferente dos adoptados ao longo do século XX até ao final da década de 60, e diferente do sentido contemporâneo, este tópico tem sido sempre tomado como uma noção estratégica envolvida com objectivos específicos. Como salienta Pedro Vieira de Almeida<sup>2</sup>, é esta evolução de significado que interessará estudar, com certa operacionalidade para uma leitura da arquitectura do período tratado e da habitação programada.



O livro agora publicado é suportado numa experiência de ensino universitário, iniciada em 1986 (FAUP), que não pode ser isolada da investigação que decorreu em paralelo no Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo (CEAU-FCT), em especial no Grupo de Investigação Atlas da Casa. A construção desta narrativa, importa referir, embora orientada por um programa académico e científico que teve como

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, 2006, "Identidade e arquitectura", *Vinte e Um por Vinte e Um*, n.º 2, Porto, Revista da Escola Superior Artística do Porto, p. 138-143.

pretexto inicial a realização das provas de agregação em Arquitectura pela Universidade do Porto, manifesta-se necessariamente fluida, isto é, variável nos recursos convocados e nos processos utilizados. Por isso, a fixação do seu sumário deve ser entendida como um momento no longo trabalho ainda em aberto. Julgamos que a noção de "*work in progress*" poderá ser esclarecedora das condições e da estrutura deste trabalho, onde se retoma, se observa e volta a observar-se temas e problemas que não se esgotam. Esta prática, que não deve confundir-se com repetição, embora, por vezes, seja próxima da obsessão do colecionador, permite encetar diferentes vias não só de diálogo como também de exploração de variações significativas nas abordagens e desdobramentos dos temas propostos.

Na preparação deste livro, depois de quatro pequenos textos problematizadores da identidade em arquitectura – Quatro movimentos em torno da história – que anunciam múltiplas entradas sobre o tema, apresenta-se um conjunto limitado de notações para o seu desenvolvimento. Estas notações, organizadas em oito capítulos, podem ser lidas em sequência, como textos ligados cronologicamente, ou, em alternativa, como textos autónomos transportados para diferentes contextos e tempos, de acordo com o interesse de cada leitor. Assim, estas notações configuram duas vertentes: por um lado, um programa de inquirição sobre o tema, por outro, uma possibilidade de construção de diferentes narrativas. Esta proposta não tem por objectivo fechar um ciclo temático, o que permite, ao disponibilizá-la agora, deixar espaços não preenchidos, quer numa leitura cronológica, onde momentos, obras e autores estão ausentes, quer numa interpretação dos problemas marcada por um mapeamento disponível para outros desenvolvimentos e tempos.